

E pra quem pensa em casar? Só depois dos 30

Durante os últimos seis anos o escritor e pesquisador brasileiro Heverton Silva Anunciação analisou o “modus operandi” de casais em fase matrimonial. Aos 37 anos e solteiro, ele apresentou o resultado de seu estudo comportamental no livro *Nunca se case antes dos 30*, lançado pela Editora LivroPronto.

“Assistindo a tantas crianças reclamarem de pais divorciados, quis

identificar as razões emocionais, financeiras, espirituais, físicas, evolutivas e biológicas que geram tantas separações”, diz. Para isso, buscou aliados como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Censo GLS, Unesco/Unicef, cartórios, psicólogos, entre outros. A conclusão é, no mínimo, intrigante: a cada ano, de 800 a 900 mil casamentos são realizados

no País.

No entanto, também acontecem 180 mil divórcios. “Ou seja, de seis anos a dez anos esta contabilidade já se desfez – não os mesmos, mas 900 mil casamentos estarão desfeitos, o que comprova a minha reserva da década em que não se deveria nunca pensar em casar, para reduzir o risco”, explica.

Na opinião do escritor, não existe casamento bom ou ruim, mas sim níveis de

maturidade e atitudes boas ou más. Ele propõe reservar a década dos 20 aos 30 anos para o leitor “evoluir em todas as dimensões constatadas nos dados”, e só depois disso pensar em casar. “Quero salvar o casamento e a família, pois de lá viemos e para lá queremos voltar.”

Em Santa Cruz do Sul, a relação casamento/separações variou bastante desde 1998. Naquele ano, de acordo com o IBGE,

foram 142 separações – incluindo litigiosas e consensuais –, contra 391 uniões.

Já em 2003 ocorreram cerca de 300 separações e divórcios litigiosos, e 200 consensuais, totalizando aproximadamente 500 casais que desfizeram a

união matrimonial em Santa Cruz. Em contrapartida, ocorreram apenas 400 casamentos. No ano passado, conforme levantamento do Cartório de Registro Civil do município, 249 casais se separaram, enquanto 339 trocaram alianças e juras de amor eterno.

SANTA CRUZ

ANO	CASAMENTOS	SEPARAÇÕES
1998	391	142
2003	400	500
2005	339	249

Eles acreditam que vai ser para sempre

Michelle Loewe Shwartz, 27 anos, e Giuliani Schwantz, 29, são um exemplo de casal que ainda acredita no amor acima de todas as forças. Os dois se casaram em cerimônia religiosa no último dia 18, coroando um relacionamento de sete anos – selado definitivamente em junho do ano passado, quando assinaram a união civil.

Para eles, o relacionamento que mantêm será para sempre. Michelle acha que é justamente nessa esperança que se sustentam as relações. “Nós acreditamos nisso e nosso relacionamento dá certo porque respeitamos um ao outro”, diz.

O sentimento entre os dois é tão forte que ela largou a vida em Candelária para acompanhar o amado, formado em Direito, que passou em um concurso em Livramento há cerca de um ano. Michelle, que é graduada em Administração, não pensou duas vezes antes de abandonar o serviço e se tocar para a fronteira atrás de Giuliani.

Segundo ela, o desejo por uma união estável existiu desde o começo. “Quando começamos a namorar já não éramos mais ‘crianças’. Não estávamos a fim de brincadeiras. E sempre tivemos um relacionamento legal, com muito diálogo. Tanto que nunca brigamos.” Na opinião dela, esse é um dos principais elementos para uma vida a dois duradoura.

“Nós jogamos limpo, conversamos sobre tudo e também respeitamos a liberdade um do outro.” No caso deles, isso se define como jogos de futebol e churrascos dele, assim como festas com as amigas, pela parte dela. Contudo, o casal afirma que jamais admitiria um relacionamento “paralelo”. “A hora que aparecer outra pessoa, termina a nossa jura de amor”, explica Michelle.

Para o futuro, os planos deles não têm nada de incomum ou transgressor. Apenas querem ter filhos e montar uma estrutura de família tradicional, alheia às novas tendências.



Giuliani e Michelle ataram os laços de uma relação que já dura sete anos

“Formar família ainda é o desejo mais forte”

O padre Roque Hammes enxerga com cautela as previsões da psicanalista Regina Lins. Para ele, é possível que essas mudanças de comportamento aconteçam, mas fica difícil fazer suposições sobre tendências culturais. “Hoje existem indícios muito fracos de que isso possa ocorrer. É uma questão de costumes”, diz.

“Sabemos que existem muitos países que aceitam a poligamia (homem com várias esposas) e a poliandria (mulher com mais de um marido). Mas, em princípio, a doutrina cristã prega que o rela-



Hammes: indícios fracos

cionamento se resume a um casal”, aponta. No entanto, o padre diz que hoje a Igreja já aceita certas situações de forma muito mais tolerante. Por exemplo, um casal que não vive sob o mesmo teto, segundo ele, não fere

DICAS PARA UM CASAMENTO FELIZ

1. Não existe casamento bom ou ruim. Existem níveis de maturidade ou atitudes boas ou ruins.
2. Seja capaz de conversar sobre todos os assuntos com o seu companheiro antes de assumir uma relação conjugal séria.
3. Não queira mudar a essência do seu companheiro. Aceite-o como é.
4. Case pelo amor de vocês, afinal, é o amor que comprovará a continuação para a família e filhos.
5. Aprenda com os erros e os acertos de casamentos de amigos e familiares.
6. Reserve uma agenda exclusivamente para as atividades do casal.

7. Tenha certeza de que ambos irão conhecer muitas outras pessoas especiais e atraentes. Se trair, cuidado, pois será o início do fim.
8. Não queira absorver a individualidade total do par. Cada um deve ter seus próprios objetivos.
9. Incentive o progresso emocional, espiritual, material, físico e intelectual do seu par. Você também estará enriquecendo a si mesmo.
10. Ninguém é perfeito. O importante é pôr na balança as qualidades e os defeitos.

Fonte: Heverton Silva Anunciação, autor do livro *Nunca se case antes dos 30*

os princípios.

Hammes pensa que a formação de uma família ainda é um desejo forte entre a sociedade. “A mulher quer o seu homem. O homem quer ter a sua

esposa. Acho que por aqui essas relações abertas ainda seriam pouco admissíveis”, entende.

Uma mudança que o sacerdote diz que já ocorreu é a posição da mulher no

relacionamento e a busca pela felicidade individual. “Há alguns anos, ela se subjugava por causa da relação assumida. Existia o preconceito da mulher separada.” O padre tam-

bém admite que há muitos desafios à estabilidade das relações. “Mas não é na primeira dificuldade que a pessoa deve pular fora. Isso deve ser muito bem pensado.”